

Alguns bailes de entrudo

Teatro Popular do Minho Baixo

FELICIANO LOPES GOMES

Apresentação de MÁRIO CÉSAR



134.3-2Gomes,F
M

minha

2.ª Série, Ano IV, n.º 5, 1981

29/6/82

Minia, Braga, 2.ª série, 4(5) 1981, pág. 69-140

Alguns bailes de entrudo

Teatro Popular do Minho Baixo (1.ª parte)

FELICIANO LOPES GOMES

Apresentação de MÁRIO CÉSAR

Feliciano Lopes Gomes (31-12-1921 — 8-8-1978) nasceu na freguesia de Encourados, concelho de Barcelos. Aí se criou no lar paterno e frequentou a Escola Primária. Com grata saudade recordou pela vida fora a professora, D. Sofia Gomes Marques, de quem testemunhou, na dedicatória que escreveu num folheto da sua autoria e não chegou às mãos da destinatária por a morte a haver levado, «que foi a sua melhor educadora e a quem tanto devia nas letras».

Fez exame de admissão ao Seminário diocesano de Braga, que frequentou. Não querendo seguir a carreira eclesiástica, saiu no segundo ano de preparatórios. Fez a «transição», necessária naqueles tempos, no Colégio Frei Bartolomeu dos Mártires, que funcionava em Braga. Feito o exame do 3.º Ano no Liceu Sá de Miranda, enquanto esperava por melhor lugar, empregou-se como escriturário na Casa do Povo, com sede em Martim, concelho de Barcelos, cuja área territorial englobava mais as freguesias de Pousa, Encourados e Vilar de Frades.

Concorreu para funcionário das repartições de Finanças e passou por Barcelos, Montalegre e Esposende até que, em 1959, se fixou, definitivamente, em Barcelos.

De 1956 em diante começamos a encontrar a sua colaboração nos jornais da região: «O Fangeiro» (OF), «Jornal de Barcelos» (JB), «O Barcelense» (OB), e «A Voz do Minho» (VM) de que foi redactor principal. Também colaborou no «Boletim do Grémio do Comércio de Barcelos» (BG).



Barcelos

Perm.

Assinava os artigos com os pseudónimos: Silvestre de Encourados (o mais conhecido), Miguel Augusto (nome de seu pai), Rei Mago e Cinco Reis.

Eram tema preferido os usos e costumes rurais da região. Conhecia-os tão bem: «os factos apresentados não são uma vulgar recolha, mas o fruto da convivência e até conviência com um povo que nada me pode ocultar», escreveu em «Ritos de Passagem». Via a sedução que o surto da industrialização, o incremento da construção civil e a emigração exerciam nas camadas mais novas das populações rurais. Era a possibilidade que se lhes deparava, de conseguir uma relativa independência económica e, com ela, a usufruição de diferente teor de vida por que ansiavam. A falta de mão de obra obrigava à mecanização da agricultura. Ao abandono da prática agrícola tradicional seguia-se a modificação do comportamento social do meio.

Quantas evocações da vida rural (considerado em toda a amplitude o conteúdo que a palavra vida encerra) vivida no primeiro e até no segundo quartel deste século nos deixou espalhadas nos periódicos mencionados e até em jornais diários.

Como amostra citamos: «O espirro — crenças achadas no povo» (OF 22-1-1961), «O Ciclo da Páscoa — O Entrudo» (OF 4-3-1962), «O Ciclo da Páscoa — Quaresma» (OF 18-3-1962), «Crendices achadas no Povo — o Fantasma» (OF 7-1-1962), «Préstimos e Costumes — o Compasso» (JB 3-4-1958), «Préstimos e Costumes — Mordomos» (JB 4-7-1957), «Préstimos e Costumes — a Consoada» (JB 26-12-1957).

Este último, «a Consoada, prendeu a atenção do escritor Manuel de Boaventura, que, em carta dirigida ao jornal, se referiu ao artigo nos seguintes termos: «P. S. Não sei quem é Silvestre de Encourados que assina o art.º Préstimos e Costumes — A Consoada do penúltimo n.º do J. de Barcelos. Agradou-me. Está bem observado e bem escrito: tem bom recheio etnográfico, que deve ter agradado aos cocabichinhos do folclore. Alguns dos voc. lugareiros merecem registo no meu vocabulário. Como são termos regionais veja se define os da nota que vai junta».

No Boletim do Grémio (Março de 1962) publicou «Vida Rural — Entre o Airó e o Cávado» dividido em dois capítulos: num trata do homem, no outro do cultivo da terra. Noutro número do mesmo Boletim (Janeiro a Março de 1963) publicou uma série de cinco artigos (calhandra, consoada, Natal, janeiras e reis, reisadas) subordinados ao título «Ciclo do Natal — Entre o Airó e o Cávado» e no número de Abril a Setembro de 1963 descreve uns «romeiros» a Santa Luzia de Encourados que, mudando

apenas o nome do orago e da terra, podiam ser ao S. Bento do Hospital de Braga ou a outro santo ou santa venerados em qualquer lugar da região.

A citação não é exaustiva, mas, como atrás se disse, amostra só.

Em 1965 foi editado o trabalho da sua autoria, «Ritos de Passagem» (Cadernos de Etnografia, 1.^a série, n.º 2) pelo Museu Regional de Cerâmica, então sob a direcção de Eugénio Lapa Carneiro, trabalho que mereceu o Prémio Gomes Pereira de 1964 na modalidade ensaio. Vale a pena ler a descrição feita por ele da jantarada com que os premiados e o júri foram obsequiados no solar do Paço Velho, em S. Martinho de Vila Frescaíña (Prémio Gomes Pereira, em «Revista de Etnografia do Museu de Etnografia e História do Porto, n.º 6). Mostra conhecer a cozinha regional e não se admira quem sabe que, nas Festas das Cruzes de 1968, andou envolvido o Feliciano na organização da Ceia Minhota, realizada no Parque da Cidade em 1 de Maio desse ano.

A ele se devem as exposições de Cestaria, realizada em Setembro de 1968, de Fiação e Tecelagem, realizada na Festa das Cruzes de 1969, e a dos Arcos de Festas, realizada na Festa das Cruzes de 1972, cujos catálogos escreveu.

Como o autêntico folclore (não o arranjado para distrair o turista) lhe merecia interesse, estudou o teatro popular sem olhar a canseiras. Por sua iniciativa, os da Pousa, concelho de Barcelos, representaram no dia de Natal de 1966 e no dia 1 de Janeiro de 1967 os Bailes dos Reis. O anúncio do espectáculo no dia de Ano Novo feito pela imprensa diária levou àquela freguesia Leandro Quintas Neves, o P. Carlos A. Ferreira de Almeida e o Dr. Manuel de Sousa Oliveira (Boletim Informativo do Museu R. de Cerâmica, n.º 2), pessoas, então, interessadas pelo teatro popular. Recolheu textos, publicou no Jornal de Notícias (16-9-1966) o artigo «Teatro Rural no Minho» e os três últimos números da 1.^a série de Cadernos de Etnografia do Museu Regional de Cerâmica de Barcelos anunciaram um seu trabalho intitulado «Alguns Bailes e Comédias. Teatro Popular do Baixo Minho», que constituiria um dos próximos cadernos, mas acabou por ficar inédito.

É este trabalho, no qual o autor explica por que não foi impresso na altura, apesar do anúncio, que a «MINIA» publica, acompanhado por alguns textos.

Mário César

Subsídios para a bibliografia de Feliciano L. Gomes

BOLETIM DO GRÉMIO DO COMÉRCIO DE BARCELOS

Préstimos e Costumes — A morte do Francês, 1963

Ciclo do Natal, Entre o Airó e o Cávado, n.º 28, (Janeiro a Março de 1963).

Nota: Embora no fim do artigo tenha a indicação (CONTINUA), o que é certo é que o art.º que vem no número seguinte, o 29 (Abril a Setembro de 1963) é:

Usos e Costumes do Povo, Romeiros a Santa Luzia Encourados (ao gosto e costume de 1900)

Reisadas, Dezembro de 1961

Trechos e Lendas do Cávado, Setembro de 1960. Com dedicatória «ao Mestre Manuel de Boaventura, criador das Celânides»

Vida Rural, Entre o Airó e o Cávado, 1962

O FANGUEIRO

A Caridade, 3-6-62

O Espirito, (Crenças achadas no povo), 22-1-61

Ciclo da Páscoa, Quaresma, 18-3-1962

Ciclo da Páscoa, Entrudo, 4-3-62

Crendices achadas no Povo, Fantasmas, 7-1-62

Crendices achadas no Povo, O sabat, 3-12-61

Préstimos e Costumes, Preces, 1958

JORNAL DE BARCELOS

A Máquina, Natal de 1956

Préstimos e Costumes, A Casa de Deus, 8-9-58

Préstimos e Costumes, O Compasso, 3-4-58

Préstimos e Costumes, Os três vinténs, 18-6-58

Préstimos e Costumes, Unhas e Violas, 1964

Préstimos e Costumes, O Zelador, 25-4-57

O centenário do Caminho de Ferro, O Chefe e a Cabrinha (conto), 17-1-57

Préstimos e Costumes, A Consoada, 26-12-57

Préstimos e Costumes, Mordomos, 4-7-57

Préstimos e Costumes, A Coira, Fevereiro de 1958

O BARCELENSE

Cento achado no Povo, 8-12-1956

A VOZ DO MINHO

Colaboração variada.

Com o título «50.º aniversário da elevação de Barcelos a cidade», começou a publicar uma série de artigos que não chegou a concluir, por ter falecido (1978).

É ainda autor de um opúsculo de 55 ps., com o título «Ideário Elucidativo do Folclore e Etnografia do concelho de Barcelos», composto e impresso na Companhia Editora do Minho, em 1961.

M. C.

Bailes de entrudo

Anunciámos em 1966 um estudo sobre o teatro popular da região do Minho Baixo, e a publicação em curto espaço de tempo dos textos recolhidos.

Diversas razões não nos permitiram dar a público as peças com a brevidade anunciada, por nos parecer acertado acompanhá-las de algumas explicações e informações. Como sabem, os espectáculos têm a sua realização cíclica, e daí o depararmos com dificuldades na recolha de elementos, pois quantas vezes é transmitido o ensejo da colecta em certa época e local, para no dia e hora indicada tudo se gorar com falta de um figurante ou um imprevisto mau tempo; perdida essa oportunidade só para o ano ou nunca mais surgirá. Aconteceu ainda de encontrar textos e quando tentava informações escasseavam as notícias.

Deste modo decorreu o tempo sem possibilidade de valorizar o trabalho, limitando-me como primeira parte da recolha, à publicação destas três peças de origem laica com a designação de «Bailes do Entrudo». A segunda parte, conforme esquematização de momento, conterà os textos de origem religiosa, «Bailes dos Reis», e por último um estudo das peças

editadas. Quer umas quer outras são exclusivamente «teatro de rua», espectáculos de terreiro.

Esclareço que só as representações ao ar livre e em terreiro, ou sejam os tradicionais autos do Natal, e os entremezes do Carnaval, tomam hoje a designação de «bailes»; às outras peças que costumam levar à cena em palcos levantados ao fundo dos compridos cobertos, salões paroquiais e improvisadas salas de espectáculos, apelidam de dramas ou comédias.

Do conhecimento que tenho este género de teatro popular tem designações semelhantes no Brasil e na Espanha.

No Brasil mantém-se, segundo vários autores os «bailados» ou «danças dramáticas»; desta última designação, dada por Mário de Andrade ao teatro popular brasileiro, discorda Hermilo Borba Filho. Na opinião de Alceu Maynard de Araújo, «a *Congada* é o *bailado* mais notável como teatro popular de rua».

Em Espanha os aragonêses intitulam as suas representações, históricas e lendárias, de «dances» que levam à cena no dia da romaria diante do santuário, como informa Ricardo del Arco y Garay.

Do termo «baile» embora com este significado não se encontre dicionarizado, há notícias do seu uso, talvez só popular, em diversas terras. Guilherme Felgueiras indica Ponte do Lima com o «Baile dos Turcos», embora o dê como desaparecido. Na Póvoa de Varzim, informa Eugénio Lapa Carneiro, citando Viriato Barbosa, realizavam-se aí pelos anos de 1850-51, uns autos, por ocasião das festividades do Sacramento, da Senhora das Dores, do Natal e da Quaresma, que eram designados por o «Baile dos Maltezes», dos «Pastores e do Natal». E em quase todo o Minho surgem os «Bailes dos Reis e do Entrudo». Leandro Quintas Neves, refere-se ao assunto mais em pormenor e afirma: A parte coreográfica dos autos, que o nosso rústico se esmerava em representar no dia da sua festa maior, foi sempre, a par do motivo inicial de fundo religioso ou lendário, o lado mais saliente de toda a exibição. Era nos bailados finais que tomavam parte todos os figurantes e nesse remate, a totalidade dos comparsas se esmerava em produzir o seu melhor trabalho. Naturais e vizinhos das localidades onde anualmente se realizavam representações alusivas à liturgia do ciclo do Natal, tomando a parte pelo todo, não designavam estas manifestações com os nomes de «auto», «drama», «entremez» ou qualquer outro vocativo — mas somente por «Bailes do Menino» e «Bailes do Natal», por serem as danças a parte mais destacada de toda a movimentação geral».

Pelo que me foi dado observar, quer ouvindo os informadores, quer assistindo aos espectáculos, não obstante certas representações já terem perdido a denominação de baile como a «Turquia» em Ponte do Lima, destacam-se os demorados combates, individuais e colectivos, entre cristãos e turcos, mais bailado que esgrima, terminando sempre a lide com o bater ritmado e harmonioso ora das lanças, ora das cimitarras, nos escudos.

Quem mais atento ao desenrolar das cenas dos «Bailes dos Reis», deduz que não é só dança o complemento final em que os pastores evoluem nas suas contradanças à roda do ermitão ou entrelaçando as fitas à volta do mastro, mas também a representação (adoração, perante o presépio) com ofertas e loas, ao som da pandeireta, são sempre em geito de «bailado», com requebros e maneirismos.

Nos «Bailes do Entrudo» iniciam o espectáculo com a «Dança dos Pretos», cena sem enredo em que a parte coreográfica suplanta a fala. Na sequência da representação cada personagem entra em cena «bailando» e só depois dá princípio ao texto, o que sempre repete ao entrar no terreiro. Não esquecendo o final apoteótico, em que participam todos os «entrudeiros», procedendo com destreza e habilidade às várias contradanças.

A confirmar esta designação popular, transcrevo a quadra final do celebrado «Auto da Floripes»:

*«Demos fim a este baile
Que a nós assim nos convém
Regalem-se meus Senhores
Até ao ano que vem».*

A propósito comenta Andrée Crabbé Rocha: «E, na verdade, a síntese é feliz (baile) embora o Auto da Floripes seja mais do que isto.»..... «No entanto, a coreografia é o elemento essencial que sublinha o texto».

Pelo que concluímos que a denominação «baile», rústico é certo, dada por esse mesmo povo a quem este género de teatro pertence, parece acertada a qualquer observador mais atento, não lhe passando despercebido que vivem o espectáculo mais animados do ritmo que da fala.

Esta região foi rica em organizações de grupos cénicos, que com o maior entusiasmo representavam velhos «cascos» (peças) nas Festas do Natal, do Entrudo e do Padroeiro. Decaíram com as proibições ecle-

siásticas, que em troca lhes ofereciam solenes lausperenes nas igrejas das nossas aldeias pelo Carnaval, e na festa do orago rogavam que não misturassem o sagrado com o profano. Já Roma no século XVI pedia moderação no uso da cena, aconselhando antes um bom sermão (Galante de Sousa, «O Teatro no Brasil»).

Estes impedimentos e o aparecimento de novas diversões, lançaram no esquecimento esta expressão artística, para só esporadicamente nesta freguesia ou naquele lugar, se reorganizar nos últimos cinquenta anos.

Tal como na Idade Média, as peças encontradas provêm de duas fontes: uma religiosa e outra laica.

Sem admiração verifico que os temas bíblicos sobreviveram aos profanos, os «Bailes dos Reis» aos «Bailes do Entrudo». Aqueles, com a Adoração dos Magos, loas dos Pastores, contradanças e a esperada punição do «maldito» Herodes, infiel turco, vencido, que à força, num final apoteótico baptizam solenemente, eram bem tolerados pelas autoridades. Tiveram com certeza, noutros tempos, um fim catequético, e prevaleceram com vantagem sobre os entremezes, pantominas e enredos do Carnaval, sempre precedidos da pouca caridosa «loa» dos «Bailes do Entrudo». Destes só a peça «D. Arnaldo, Moço Tonto e Velha Louca» perdurou, ao que julgo, por se tratar dum entremez de loa mesmo loa, sem interesse local, que tanto se podia apregoar na Maia como em Barcelos.

Das restantes «loas», não ficou qualquer texto, chegando somente até nós o que a tradição oral fixou pelo seu sabor malicioso. Estas não louvam como a palavra indica, pelo contrário criticam as fraquezas e misérias dos vizinhos, não poupando as classes abastadas do meio, citando-os individualmente, o que, no meu entender também contribuiu para a sua proibição. Faziam a folgança do povo, sendo, embora aparentemente, bem toleradas.

De notar, o que era frequente, quando a carapuça estava mal talhada, intervirem os atingidos, estabelecendo-se comunicação entre os actores e a assistência.

Não foi por saudosismo que tentei reunir e registar loas, autos e entremezes, mas o ter verificado que o homem da região não evoluiu ao substituir o terreiro pelo palco, antes com a influência de maus ensaiadores, nos apresenta grupos sem o mínimo de preparação cénica, e ao que me parece, pelo menos de momento, um teatro de pouco interesse.

Contactando com aqueles que interpretaram os famosos «bailes», nome, como disse, por que, designavam as representações, verifica-se o ilagrante carácter espontâneo e a originalidade das mesmas. E se não sobreviveu a «pureza» da sua origem, mantém-se contudo, e como aliás era de esperar, a força que deu vida a esta forma de arte popular, ou seja a necessidade do homem se exhibir, collocando-se na pele das grandes personagens, que ele encarna convicto. Daí aceitar com honra as alcunhas, que se transmitem às gerações, das figuras cénicas interpretadas por seus avós.

Havendo tão escassas notícias sobre o teatro popular desta região, tornava-se necessário um trabalho de pesquisa, e assim fui desencantando pelas anosas e fumadas prateleiras de algumas pobres casas miúdas «livros» escritos por mãos calosas e muito pouco familiarizadas com a pena, os quais segundo julgo são cópias de literatura de cordel, já mutilados ou enxertados ao sabor do gosto de cada terra, como averigui por comparação. Outros, já guardados como mereciam, foram-me gentilmente oferecidos o que agora retribuo em letra de forma.

Fica ainda por recolher e estudar a parte coreográfica e musical, o que me leva a fazer um apelo aos especialistas, que desde já poderão contar com a minha melhor colaboração.

F. L. G.

Nota da Redacção: Este trabalho estava pronto para ser publicado, quando o autor faleceu.

I

ENTRUDO PANDULHO

INFORMADORES

José Ferreira Lomar (J. L.) de quem colhi informações sobre «bailes do entrudo» e em especial da peça «Entrudo Pandulho», é um simpático conversador com a idade de 79 anos, natural e residente na freguesia de Cabreiros do concelho de Braga, que não obstante a sua avançada idade, ainda exerce a profissão de pedreiro, e que não sabendo ler soube passear. Ainda novo emigrou para a Espanha, donde passou à França e de regresso trabalhou na profissão em Lisboa e Porto.

Iniciou-se nos «bailes» aos 12 anos desempenhando o papel de moça para conversar. A sua carolice foi-lhe inculcada por seu pai Francisco Ferreira Lomar, também desta freguesia, organizador de vários grupos com fim cénico e ensaiador nas redondezas, para o que sabia de cor todas as peças e foi até o criador, segundo o filho, de vários enredos que com o maior êxito foram representados nesta aldeia e circunvizinhas. O pai de J. L. era também bom tocador, dedilhando qualquer instrumento de corda, que afinava de ouvido, isto é sem pontoar. Faleceu com a idade de 80 anos, tendo no último carnaval da sua vida desempenhado o papel de «Pandulho», com agrado geral.

O filho (J. L.) não degenerou, pois ainda hoje me parece capaz de ensaiar, representar e dar ao pé na mais complicada contradança. Ao que me diz assistia sempre que lhe era possível a peças de teatro, frequentando mesmo no estrangeiro as casas de espectáculos e é um admirador de Palmira Bastos. Na sua aldeia tem tomado parte activa nos espectáculos realizados em palco «Vida de José do Egipto» e as «Pupilas do Senhor Reitor». Contudo demonstra uma especial predilecção pelo teatro de terreiro — os bailes.

Recolha feita em 13 de Fevereiro de 1966.

ENTRECHO

De todas as peças recolhidas esta é sem dúvida a que contém o maior número de sátiras aos costumes da sociedade, ridicularizando o casamento interesseiro e o seu insucesso, o pai tirano, o sequestro, a velha benzedeira e alcoviteira das filhas, a bigamia, o marido enganado, o juiz vendido, o advogado incompetente e desonesto, a esperteza do estudante e o galego ludibriado.

Não lhe faltam os ditos maliciosos, condimento sem o qual a peça seria insípida, conforme pensa meu informador J. L..

PROVENIÊNCIA

1 — Desconhece o informador J. L. a sua origem, e apenas sabe que já era representada na mocidade de seu pai.

A cópia que possuo foi feita em 26 de Julho de 1928, por Firmino Rodrigues Correia, na freguesia de Padim da Graça, do concelho de Braga,

e escrita em folhas de papel almaço pautado a 35 linhas, dobradas na vertical, formam um «livro» com 56 páginas.

2 — Este baile tem as suas tradições na freguesia de Cabreiros do concelho de Braga, mas segundo J. L., foi também representado na freguesia de Padim da Graça, por um grupo organizado e ensaiado por seu pai durante vários anos.

3 — Além das costumadas representações, quer em Cabreiros, quer nas freguesias circunvizinhas, o grupo desta aldeia, tinha vaidade no convite que recebia anualmente para se exhibir no Largo da Sé da cidade de Braga.

ORGANIZAÇÃO

1 — O grupo tinha um chefe, quase sempre o ensaiador, que escolhia os participantes entre os indivíduos com habilidade, e em Cabreiros era honroso o convite para participar nos bailes, com o que até os filhos dos lavradores abastados se sentiam orgulhosos.

Os ensaios tinham lugar num varandão ou numa sala que na época estivesse devoluta, e por empréstimo. Havia disciplina, sendo multado todo aquele que faltasse sem motivo justificado, revertendo a importância para o fundo do grupo.

2 — A parte económica da organização era assegurada em princípio por uma cota estipulada a cada associado, com o que custeavam as primeiras despesas: cópia de papéis, luz, indumentária (quando alugada) e música.

O chefe aceitava os convites e fechava os contratos. Todo aquele que estivesse interessado na exibição dos bailes, enviava convite verbal e oferecia uma certa quantia, ficando à sua generosidade a colação.

Terminadas as representações daquele ano ninguém ficava vinculado ao grupo, embora no ano seguinte os mesmos se reorganizassem. Para tanto, apuradas as receitas e despesas, o chefe distribuía a situação líquida em partes iguais. Ao que conta J. L. economicamente era sempre um fracasso o que não importava pois todos actuavam por amor à arte e não por interesses materiais.

Nunca receberam qualquer subsídio oficial.

PARTICIPANTES

1—O baile era executado por oito indivíduos do sexo masculino, que, modificadas as máscaras, representavam dezasseis personagens:

<i>Pandulho</i>	— Entrudo
<i>Solema</i>	— Velha (mulher do Pandulho)
<i>Quixote</i>	— Moço (criado do casal)
<i>Lurio</i>	— Namorador, Brasileiro, Galego e primeiro Preto
<i>Fileno</i>	— Namorador, Doutor, Fidalgo, Estudante e segundo Preto
<i>França</i>	} — Moças para namorar (filhas de Entrudo)
<i>Pireza</i>	
<i>Seromenha</i>	— Criada do casal

2—O mestre distribuía os papéis aproveitando como diz J. L. a habilidade de cada um e os seus dotes ou defeitos físicos. Os papéis de mulher são representados por homens, escolhendo as «moças» nos rapazes ainda imberbes, de feições mais delicadas, que ataviados a rigor conseguiam um *perfeito disfarce*. Diz-me J. L. que, quando moço, representando em Braga um papel feminino, lhe aconteceu ser assediado com piropos, e receber, no fim, um pedido de namoro de um assistente mais cusado, o que o teria obrigado a provar o sexo. Conta-me ainda o meu informador que em certo ano foram escolhidos três formosos rapazes para desempenhar o papel de fêmeas, os quais só tinham, na época, e na região, o senão das orelhas por perfurar. Mas não foi problema, submeteram-se à operação e exibiram nesse ano ao dependuro dos íbulos ricas arrecadas.

INDUMENTÁRIA

1—Todos os personagens usavam máscara à excepção das moças. Sabe-se que a partir de certa altura as máscaras eram adquiridas nos bazares da cidade de Braga, e escolhidas (J. L.) numa adaptação à personagem a desempenhar por cada figurante.

2—As roupas eram de empréstimo o que exigia grandes trabalhos e empenhos, e cada um presumia em conseguir o maior luxo aldeão existente na freguesia e arredores. Alugadas apenas as barbas para o Entrudo e as cabeleiras para as moças. Nem todos necessitavam de cabeleira postiça e lembra o meu informador J. L. que nunca usou tal adereço

bastando-se com a sua anelada trunfa, que brilhante de cosmético fazia inveja a muitas raparigas. Ainda no fim do século passado as mulheres da aldeia usavam cabelos curtos, com marrafa riçada ou caída sobre a testa.

3 — *Entrudo Pandulho:*

Cartola e labita, calças e calçado de uso comum e bengalão às costas.

Velha:

Roupas velhas, rosário de bogalhos, servindo de colar, corcunda, agarrada a um cajado, usava uma máscara horrenda.

Moços:

Carapuça, casaca à espanhola, faixa preta à cinta, calças e calçado da época, lenço de merino a tirocolo e máscara formosa.

Moças:

Trajo feminino o mais antigo e de maior luxo que lhes fosse possível conseguir e à moda aldeã.

Pretos:

Fato de uso e máscara negra.

Para os restantes personagens apenas modificavam as máscaras.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

A música para este baile era organizada por Mestre José Braga, músico da terra. Bom executante tanto em instrumentos de sopro como de corda, actuava na banda musical de Cabreiros, ensaiava as tunas existentes nas redondezas e nas horas vagas exercia a profissão de sapateiro. Para contrariar o ditado sabia tocar rabecão. Logo não existiam dificuldades em aparelhar uma boa orquestra para os bailes. Cabreiros dispunha de uma banda de música, de uma tuna e de um mestre à altura.

2 — Instrumental

De sopro:

Bombardino 1

Baixo 1

Trompa 1

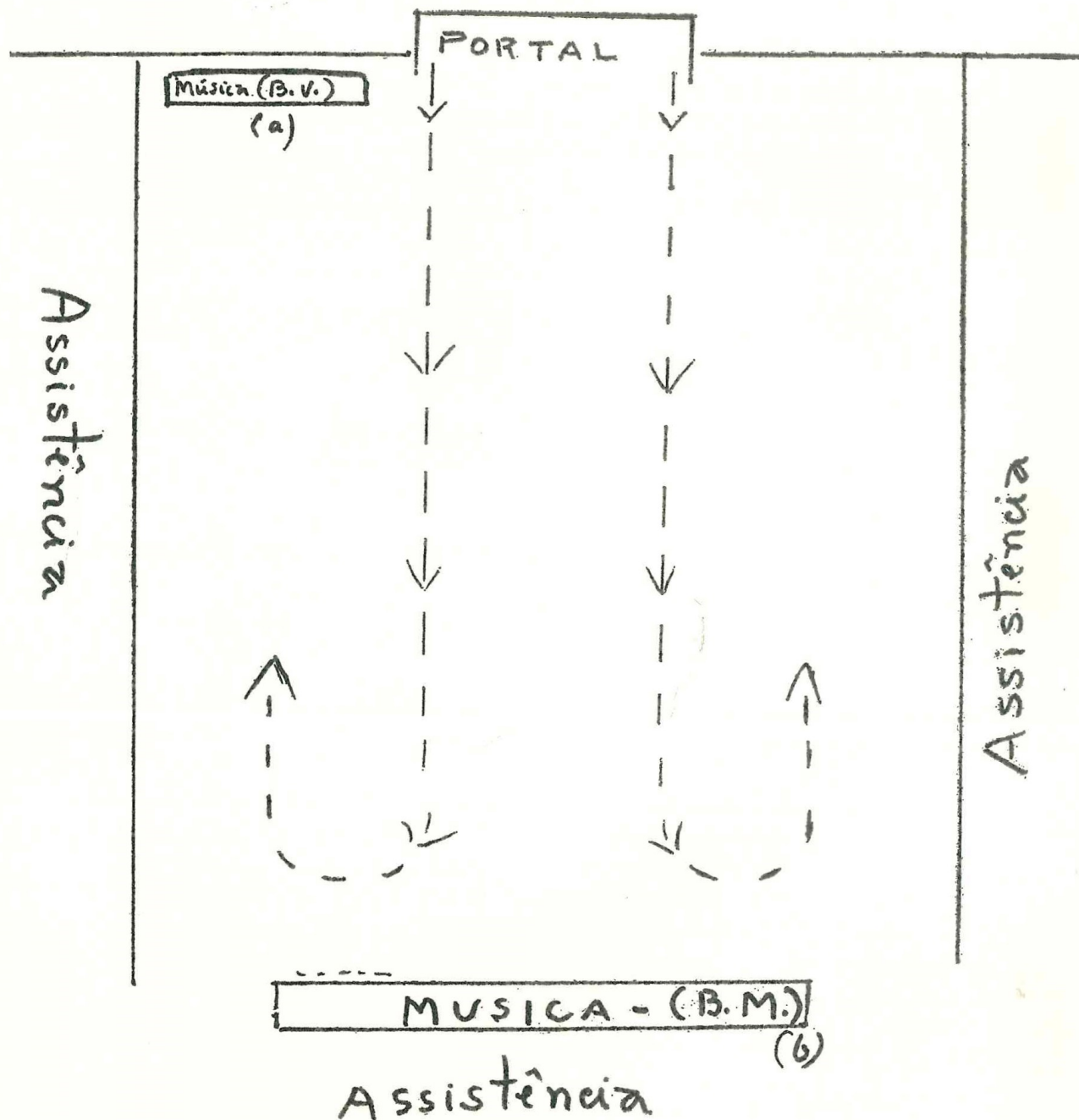
De corda:

Violões 3

Rabecas 2

A indicação dos instrumentos foi-me fornecida por J. L.

6 - Entrada no terreno



a) Local utilizado normalmente pela entrada de vital

b) Idem, idem de Manhente

ESPECTÁCULO

1—Cada espectáculo tem a duração aproximada de uma hora. Desde que existam convites actuam durante toda a tarde e até toda a noite.

A época das representações é o Carnaval, principalmente nos dias de Domingo Gordo, Segunda e Terça-feira de Entrudo. Em anos excepcionais, com contratos para freguesias distantes, iniciavam a actividade cénica em Domingo Magro, a fim de satisfazer os compromissos tomados, mas, de qualquer modo, ela termina sempre ao toque do sino na igreja paroquial para as cerimónias da Quarta-Feira de Cinzas.

2—A deslocação de terra em terra é só por si um espectáculo. Reúnem em local antecipadamente marcado e seguem em forma, envergando as suas «fardas», ao som da marcha que a orquestra, também incorporada, executa. A passagem em ordem, de lugar em lugar, de freguesia em freguesia, é também um processo de propaganda.

3—O ensaiador sabe de cor todos os papéis, e no espectáculo dá as deixas, indica as entradas, faz a marcação das contradanças e quase sempre também representa.

Não existe ponto.

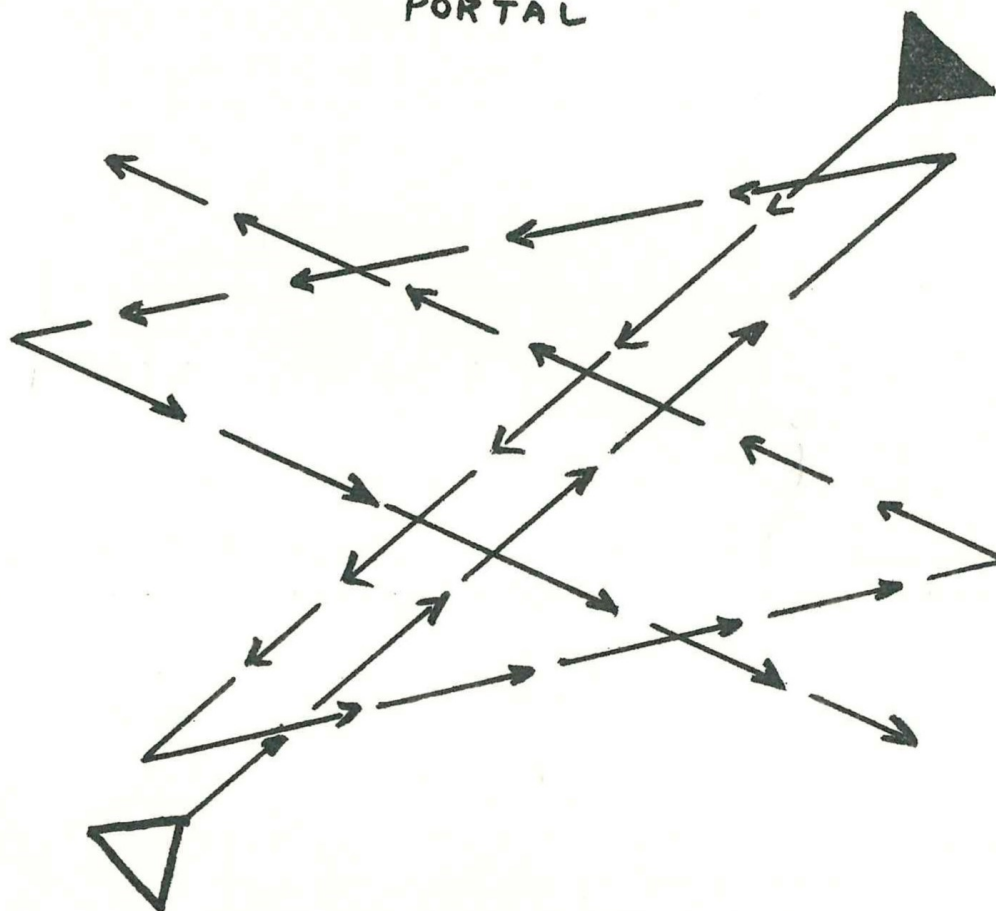
4—O local onde se exibem é improvisado, bastando a proximidade de um portal onde mudam os trajes e as máscaras. Se acontecia actuarem à porta fechada, era sempre a céu descoberto, utilizando a eira da casa de lavoura como palco, e o coberto como camarim. Quando recebiam convite para se exibirem na casa solarenga, representavam no pátio, e da varanda que o contorna, transformada em camarote, assistiam os familiares e convidados do morgado, permitindo este que os criados e o povo formassem roda no chão lajeado. Mas o mais vulgar era representarem no terreiro do largo da aldeia, como ainda se pode apreciar nos nossos dias.

5—Não faziam peditório, pois, fora a exibição que ofereciam aos conterrâneos e aos familiares dos componentes do grupo, só actuavam por contrato.

6—Cada personagem vai a terreiro (não há memória de representações em palco) bailando de mãos nos quadris, volteia, saracoteando-se ao som da orquestra e termina numa vénia aos músicos. Só depois dá início à fala, o que acontece tantas vezes quantas entrar em cena, sempre «bailando» antes de dizer.



ASSISTÊNCIA

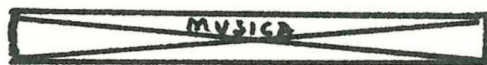


1= Preto



2= Preto

ASSISTÊNCIA



ASSISTÊNCIA

As cenas sucedem-se, as personagens aparecem, representam, e saem depois.

7 — Dividem o espectáculo em cinco partes:

Dança dos pretos, loa, casco, enredos e contradanças.

Dão início ao baile com a dança dos pretos, que, além do convite à folia, tem a finalidade de alargar o terreiro, conseguindo-se assim espaço para representar (J. L.). Exhibam-se para o efeito em grandes saltos cruzados, com bastante de histriónico, dois indivíduos mascarados de negro, bailando ao som da orquestra em voltas e requebros. Predomina nesta cena a parte coreográfica, sendo a fala de curta duração, pois tem apenas em vista saudar a assistência e anunciar a chegada do «Santo Entrudo» a Portugal.

Aproveitam o ensejo para à mistura duns versos maliciosos, fazer as suas lamentações: *...em vindo para esta terra tratam-no como um cachorro, leva murro pela venta, fazem andar o pretinho entre a cruz a água-benta.*

Só nesta peça encontrei escrita a fala dos pretos.

8 — A loa, ao contrário do que o significado da palavra inculca, é uma crítica às fraquezas e misérias morais dos vizinhos, renovada todos os anos, uma vez improvisada pelo pregoeiro, outras de antemão estudada, da autoria do enversador da terra e segundo as indicações do bisbilhoteiro.

Desta não ficaram escritos e apenas J. L. se recorda da abertura:

*Meus Senhores!
É dia de Santo Entrudo.
Toca a comer carne
Encher bem esse bandulho.*

*Podeis comer carne
De toda a natureza,
Menos de burro
Que é muito tesa.*

9 — O casco que é a peça propriamente dita, vai publicado na íntegra, respeitando a errada e incerta ortografia e a disposição gráfica do manuscrito.

Como a maioria dos textos encontrados vieram da tradição oral e esta peça foi recebida por muito mau copista é de difícil leitura especialmente para os não familiarizados com a fonia da região, pelo que me foi sugerido anotar em rodapé o que me parecesse incompreensível ou ambíguo. Tal o volume de notas que resolvi publicar também a peça corrigida.

10 — Enredos são pequenas pantominas e logros de desfecho imprevisto. Embora sujeitos a um tema, o actor improvisa a fala a seu modo. Recorda-se o meu informador J. L. que na freguesia de Cabreiros foram criados os enredos: «Tolos» e «Vens aí Maria», indicando como autor deste último seu pai, assim como me chamou a atenção para um enxerto que se encontra nesta peça, o «Enredo dos Ladrões» que na publicação vai no final.

Eram facultativos e utilizavam-se conforme as necessidades de ocasião: maior ou menor número de convites e merecimento da assistência. Tornava-se assim possível aumentar ou diminuir o tempo do espectáculo.

Os personagens, dado o desfecho imprevisto do enredo, eram corridos do terreiro pelos pretos, que entravam em cena munidos dum saco com uma ou mais bexigas de porco e os afugentavam com um simulacro de pancadaria.

ASSISTÊNCIA

1 — Numerosa assistência enquadrava o terreiro onde se realizavam os bailes, e se é certo que conheciam o entrecho, a loa aguçava-lhe uma curiosidade desmedida, visto ser renovada todos os anos, e não poupar as pessoas das classes abastadas do meio, citando-as individualmente. No meu entender, este facto também contribuiu para a sua proibição, embora aparentemente o baile fosse bem tolerado por essas classes, dado o costume de nesta época do Entrudo e nestas representações existir a liberdade de crítica em público.

A assistência, conhecedora da peça, intervém por vezes dizendo àpartes, graciosos uns, maliciosos outros.

2 — O público admira a habilidade coreográfica das contradanças, especialmente a dos «molhos», quando bem executada, e elogiam ou criticam desfavoravelmente a agilidade dos pretos, nos seus saltos da dança inicial. (J. L.)

FUNÇÃO SOCIAL

Este género de teatro do povo e para o povo, não tinha, desde que há memória, nem tem presentemente, outra função social que não fosse ou seja o divertimento. Como é intuitivo, a escassez de diversões doutros tempos levava o próprio público a exigir a formação de grupos, e consequentemente prestava-lhes uma maior colaboração e assistência do que na época presente

Assim vai desaparecendo a «função» por quase não ter função.

Dança dos pretos

FIGURANTES

Primeiro Preto

Segundo Preto

PRIMEIRO PRETO

*Vivam meus senhores e senhoras,
 Todo o povo em geral,
 É chegado o Santo Entrudo
 Aqui a Portugal;
 Acompanhado por duques e marqueses
 E fidalgos portugueses.
 Eu venho da escravatura
 O riso faz me folgança
 O preto todo se alegra
 Quando folga faz festança.
 Meus senhores, esperem um pouco,
 Vou dar isto por acabado,
 Vem aí meu compadre Francisco
 Também quer dar o seu recado.*

SEGUNDO PRETO

Meus senhores!
Calar a boca, não fazer pouca risada,
O preto do oriente vem meio desconfiada;
Mas vem muito branco e forro,
Em vindo para esta terra, tratam-no como um cachorro.
Leva murro pela venta,
Fazem andar o pretinho, entre a cruz e água benta.
Más muita fé em Diós,
Minha ama ser muito minha amiguinha,
E por ela ser muito honrada
Promete-me aos meios quartilhos e dá-me à meia canada;
Mas é com segundo sentido,
Que ainda ontem à noite me disse:
Pretinho, hás-de ir dormir comigo.
E eu vou dormir com ela,
Já que tanto ela me pede,
Por eu ser branquinho como a neve.
Preto como um carvão;
Três vezes sete nove nada,
Era conta que eu fazia;
Homem branco não aprende,
Sem aprender «tilografia». (sic)

FIM

Casco Entrudo Pandulho

FIGURAS

Entrudo Pandulho
Moço Quixote
Velha Solema
França
Pireza
Lurio
Fileno

Seromenha
 Brasileiro
 Doutor
 Fidalgo
 Estudante
 Galego
 Preto

Entra Entrudo para o terreiro e diz:

Meus Senhores!
 Tenho muito que lhes contar,
 Mas primeiramente vou por o moço chamar,
 Para as minhas ordens lhe entregar.
 — Moço! Moço! Moço! Quixote!
 Anda cá já num pinote.

Entra o Moço:

Aqui estou Senhor Pandulho,
 Vomecê faz tamanho barulho
 E tal barregaria,
 Quase que se podia ouvir por toda a freguesia.
 Vomecê está doente
 Ou padece de algum dente.

Entrudo:

Moço, tu hás-de ser mais prudente
 Principalmente diante de gente,
 Isso não é o que te tenho ensinado,
 É preciso que tomes melhor o recado
 Senão aliás parto-te o focinho.

Moço:

Senhor meu amo, eu vinha pelo caminho
 E tudo isso sentia
 Que de medo até corria.
 Diga o que quer que lhe vá fazer?

Entrudo:

Olha, se me queres perceber,
 É preciso que de hoje em «dente»
 Não querendo que te eu aquece
 O encabadouro do rabo.

Moço:

Fora, fora, que aqui há Diabo
Meu amo está muito esquentado.
O Senhor não esteja tão agoniado
Diga o que quer e temos falado.

Entrudo:

E isso que história é?
Porque não vens a correr na ponta do pé.

Moço:

Porque estava varrendo a chaminé.

Entrudo:

Ah! Sendo para meu proveito, muito te hei-de agradecer.

Moço:

Pois Senhor meu amo eu lhe vou dizer,
Em primeiro lugar o que deve fazer,
A mulher há-de aturar
Porque ninguém o mandou casar,
As filhas como são peralvilhas e também gaitesiras
Cedo ou tarde dão em benzedadeiras,
Se já não andarem por aí com as peneiras.

Entrudo:

Isso é que me dá no pau das cabeleiras.

Moço:

Pois para que o não «consumo»
Cuide em lhe dar arrumo.

Entrudo:

Ainda elas vão como vai o fumo.

Moço:

Não é tanto assim,
Eu tenho cá para mim
Que as deve casar.

Entrudo:

Ai que me queres mangar,
Por isso estão elas a rabiá.

Moço:

E vomecê para as quer solteiras,
Para lhe fazer asneiras?
Olhe que essa é a sorte.

Entrudo:

Mas quem me deu a mim o dote.

Moço:

Quem não quer fazer o baptizado
Não procura o ser casado,
E o mais não tenha medo.

Entrudo:

Mas eu não lhe sei do mancebo.

Moço:

Ah Senhor meu amo!
Há tamanho magano
Tão tolo e atrevido
Que é capaz de se meter consigo.

Entrudo:

Comigo? Irral...

Moço:

Isso não lhe dê fadiga
Que eles lhe procurarão a rapariga.

Entrudo:

Pois moço, eu nisso vou cuidar
E vou fazer uma saída
E tu no entanto vai-me cuidar na vida
E faz por me ter tudo muito bem arranjado
Que eu pra melhor me desenganar
Por elas vou mandar chamar
Para lhes dar o recado.

Moço:

Pregue-lho bem pregado
Que não deixa de ser logrado.
(Sai)

Entrudo:

Ora o meu moço mostra que tem juízo
Deu-me um conselho de amigo.
Agora com as filhas e mulher
Me quero entender,
E também com a criada.
Vou por elas chamar antes de mais nada:
Mulher Solêma, venha cá e não se detenha;
França e Pireza; venha também Seromenha.
(Entram a velha, filhas e criada)

Velha:

Guarde Deus todos que aqui estão.
Ó homem tens alguma aflição
Ou teremos alguma função
Já de repente?

Entrudo:

Mulher, seja-me muito séria e muito prudente
E mostre-me que tem cara de gente.

Velha:

Ou a pudera ter de burro ou de cão.

Entrudo:

E depois então,
Teremos vida regalada
Porque eu tenho de ir fazer uma jornada.
Da casa te deixo encarregada,
Tem conta que não venha aqui nada.
E vomecês tenham juizinho
Se quiserem viver comigo.
E vomecê Senhora criadinha
Não me ande feita alcobiteirinha.

Velha:

Ó homem que mania é essa
Que te deu por a cabeça?

Entrudo:

É um dardo que te atravessa.

França:

Vomecê também está bem agoniado.

Entrudo:

Também isso te dá cuidado?

Pireza:

A função está bem armada.

Entrudo:

Tape-me essa boca sua desavergonhada.

Seromenha:

Calem-se, não lhe digam nada.

Entrudo:

Tá bem, cá vens tu com a tua gaitada.

Velha:

Oh!... estais acomodadas,
Vós não sois aqui chamadas.
Ó homem, também ralhas
Por dá cá aquelas palhas!
Os mais com tanta fadiga
E não trazem a proa tão erguida,
Vivem muito sossegados
Com os vizinhos e com os criados.
Eu não sei o que te diga.
P'ra onde é a tua saída?

Entrudo:

Mulher, para bem te contar
Não sei até onde irei dar.
Vou por esse mundo fora viajar
A ver se arranjo algum dinheiro
Ou ao menos algum brasileiro
Que viesse à pouco do Brasil.

Velha:

Olha se o achas com trezentos mil.

França:

Deus permita que o vá encontrar
Que eu estou morta por me casar.

Píreza:

Eu em antes que venha a morte
Também quero a mesma sorte.

Seromenha:

Vocês ambas querem o dote
E eu a minha soldada.

Entrudo:

Anda! Inda ela não está ganhada.
Não me queiras atormentar.

Velha:

Calar! raparigas, calar!

Entrudo:

Tão boas são elas como o teu nariz.
Ah Senhores! Para lhes falar a verdade
E para me fazer a vontade
Não haviam de casar.
Porém eu não as posso aturar.
Mulher, tem conta e tem cautela,
Que não caiam elas em alguma esparrela
Não me deia confiança de aqui entrar
Algun chufança, nem também quem tenha farda
E vós fazei pelo honrar
Como o burro pela albarda.
Adeus meus Senhores, até quando eu tornar.
(*Sai*)

Velha:

Adeus, adeus, regalar!...
Ora pois rapariguinhas
Nós agora ficamos Senhorinhas
Bem podemos ir rezar
Já que não temos pra quem taramelar.

França:

Isto assim não é vida
Eu arrenego tal fadiga
Porque padeço muito da minha barriga.

Pireza:

E nunca nós tivemos tão boa hora
Como esta que está o pai fora.

Seromenha:

Tem coisa de seu agrado
Ou quer que lhe vá fazer algum recado.

Velha:

Olhai, eu tenho muito sono
Vós não me pregueis por aí algum môno
Enquanto eu vou dormir
Que eu logo torno a vir.

França:

Vá muito devagarinho.

Pireza:

Olhe que não caia pelo caminho.

Seromenha:

Muito bela ocasião
De cada uma ver o seu pimpão.

França:

Para tu seres uma moça de brio
Havias de me ir dizer a Lurio
Que me viesse já, já, falar.

Pireza:

Como não tens onde te demorar
Diz também a Fileno que o queria cá ver.

Seromenha:

Já lá vou a correr
Para minha ama ver

Muito depressa em uma passada
Mas conte que não hei-de ficar sem nada. *(Sai)*

França diz a Pireza:

Se a moça acha Lurio muito me hei-de rir
Assim que o vir.

Pireza:

Ai! isso acha e não tarda aí.

(Entra a criada Soromenha com o recado):

Seromenha:

Está satisfeito o seu empenho,
Aí vem Lurio mais Fileno.
E outro que encontrei,
Mas quem ele é não sei.

(Entra Lurio e Fileno e o Moço):

Lurio:

Ó minha rica França destes meus olhos
Então namoraste que queres ser a minha amada.
Conta-me a tua vida
Serás bela rapariga
Eu te escreverei no meu rol
Mais resplandecente do que o sol
Livre de melancolia
De noite e de dia
Serás tu quem me console.

França:

Sempre foi meu brio
Bem podes acreditar
Que sou firme em te amar
Meu caro Lurio,
Não falo com desvario
Mas sim com compaixão
De todo o meu coração
Sem ti nada me apetece
E tudo me aborrece
Estala-me o coração de compaixão.

Fileno:

Minha rica Pireza,
Do meu coração alento
Que me dás em todo o tempo
Aos meus olhos firmeza
À alma a natureza
E em tudo bem dotada
Eu não te posso deixar
E serei firme em te amar
Até à morte minha amada.

Pireza:

Meu querido Fileno,
Não posso mais padecer
Hei-de amar-te até morrer
É todo o meu empenho
Nem por sorte nem por engenho
Eu quero ser desgraçada
Se não sou a tua amada
Vivo sem satisfação
Perdida e desconsolada.

Moço:

Doudo e perdido tenho andado
Neste mundo, sem ter encontrado
O que me é preciso.
Mas por um pequeno aviso
Que há pouco me dero,
Encontrei quem eu quero.
Meu amor, meu bem,
É ditoso quem tem
Neste mundo um paraíso.

Seromenha:

Se a sorte me procura
Não a devo desprezar
Que sou firme em te amar
Com doce candura
Vivo com ternura
Sem a tua companhia
E eu com ela bem diria

Ao bendito Criador:
Já tenho um amor
Até à triste sepultura.

(Entra a velha a dar ais).

Velha:

Ai!... Ai!... Ou! Ou, o que aqui vai!...
Ora eu depois de velha coqueira
Ainda servirei de alcoviteira
Esta não se me armava
E agora que está o pai a chegar da jornada,
Eu não sei como isto há-de ser.
Eu hei-de vos benzer
Já muito de carreira
Com esta velha peneira
E vos peço que fiqueis a mesurar
Sem uns para os outros poderes falar.

(Sem fala, Lurio acena com a cabeça para baixo; França dá com a cabeça para as bandas; Fileno faz cortesias com as mãos ambas; Pireza acena com a mão que não; o Moço faz que dá abraços; a Seromenha dá aos ombros, fazendo todos esta cena contínua).

Velha (dando uma risada):

Eu agora já estou mais consolada
Com vos dar esta gaitada
E assim o pai hei-de entamporrar
Quando ele aqui chegar.

(Bate Entrudo na porta e diz):

Entrudo:

Abri-me esta porta já a correr.

Velha:

Ora, ela está armada!
Puxa por a porta que está desenganchada.

(Entra o Entrudo e admira-se):

Entrudo:

Isto que vem aqui a ser!...

Velha:

Vomecê custa-lhe a perceber.

Entrudo:

Quem meteu aqui tanto mandrião?

Velha:

Olá, escuta e tem mão,
Que eles são da justiça do sabão.
Charuto, cigarro e rolão
E sem perder tempo
Entraram por esta porta dentro
Muito inchados a ralhar
Tudo queriam apalpar
Até às raparigas a algibeira
Mas eu com esta velha peneira
Faço-lhes assi numa benzedela
E todos me caiem na esparrela.

(Moços e moças saiem para fora):

Entrudo:

E então as raparigas também são contrabando
Para com eles ir marchando?

Velha:

Olá, não sejas tolo,
É porque elas também queriam tabaco de rolo.

Entrudo:

Ora vai-te bem do miolo
Mas eu é que sofro a figa
Andar a cuidar na vida
Para casar a rapariga
E ter o casamento arranjado
Quando ela me sai como o diabo.

Velha:

Ó homem, mas isso não te dê trabalho
Nem te dê canseira
Chama já o moço de carreira
Para as ir procurar
Que elas ficaram aí dentro sem poder andar.

Entrudo:

Moço Quichote,
Anda cá já num pinote.

Moço:

Aqui estou Senhor meu amo, desta sorte.

Entrudo:

Aqui está uma feitiçaria armada
Vai lá dentro em uma passada
Ver se encontras as filhas e mais a criada
E trás-me notícia antes de mais nada.

Moço:

Já lá vou a correr.

(aparte):

Ah! pobre coitado!
Que assim vais roendo o bocado.

Velha:

Então o noivo já está arranjado?

Entrudo:

Não sei se é noivo nem se é o diabo,
Tenho muito que fazer
E tu podes-te recolher.

Velha:

Por isso estava eu arrenegada,
Não sabes como estou enfadada.

Entrudo:

Ora Senhores,
Isto faz-me maluco e perder o sono,
É preciso ter paciência de corno
Para sofrer um tal mono.
Arranjar um brasileiro
Vindo à pouco do Rio de Janeiro
Que me prometeu com toda a firmeza
Casar com a minha filha França e dar-me o dote prá Pireza.
Agora quando ele chegar,
Que não deve tardar,
Hei-de ficar para ele a babar?

(Entra o moço com o recado):

Moço:

Senhor meu amo! Aqui venho
E cumpri o seu empenho.
Fui dar com elas no engenho.

Entrudo:

Faziam alguma coisa ou estavam a babar?

Moço:

O linho estavam a arranjar,
Faziam maçarocas com cuidado
E novelos de fiado.

(Entra o brasileiro e diz):

Brasileiro:

Felizes e alegres, Senhor Pandulho.

Entrudo:

O Senhor Brasileiro entre sem barulho.

Moço (à parte):

Olá! Olá! Teremos algum brasileiro
Ou será por aí algum sendeiro?

Brasileiro:

Antes de mais nada diga-me como tem passado?

Entrudo:

Muito bem, muito obrigado,
Agradeço o seu cuidado.

Moço (para o povo):

Eu já estou a ver
A carambola que vamos a ter.

Brasileiro:

Pois Senhor, eu para não faltar
Às suas ordens, aqui o venho procurar,
Porque estou resolvido a casar
E quero ver a noiva que me há-de dar.

Moço (à parte):

E é certo meu amo ser logrado
Que este amigo já é casado.

Entrudo:

Muito pretendia saber moço, para quem andas a falar.

Moço:

Comigo mesmo, ando a rezar,
Já que para isso tenho vagar.

Entrudo:

Pois como vomecê está dessa sorte
Vamos a contar o dote,
Que ela bem há-de querer
E vomecê não lhe há-de aborrecer.

Brasileiro:

O dote meu amigo
É de vinte e não de pinto
Com mais dez e uma de cinco
Faça por inteirar a conta dum figo
Tudo isto trago comigo
Já contado para lhe entregar
Queira vomecê aceitar
Vinte com dez são trinta
E o figo com os cinco é que pinta.

Entrudo:

Não tenho que duvidar
Vomecê sabe muito bem contar.
Moço, vai já lá dentro
E diz à minha filha França que me venha já falar.

Moço:

Já lá vou a correr
E aqui lha venho trazer.

Brasileiro:

E vomecê já sabe se me ela quer ou não?

Entrudo:

Ora vomecê ainda o pode duvidar,
Não há mulher que não queira casar!

Moço:

Senhor meu amo aqui lha venho trazer.

França:

Senhor pai, que tem para me dizer?

Entrudo:

É que como a tua vontade é casar,
Aqui te vem procurar
Um moço bem chibantão.

França:

Não meu pai, isso agora é que não.

Moço:

Mau! Mau! Que está o carro entornado!

Brasileiro:

Menina vomecê não seja o pecado
Que me queira aparecer.

França:

A que há-de casar com vomecê
Ainda está para nascer.

Entrudo:

Senhora, não se faça tão briososa,
Diga-lhe que sim e não seja teimosa.

Brasileiro:

Não há coisa mais barata,
É aquilo que menos custa,
Se me quer ser ingrata
A ingratidão a busca.

Moço:

Dá-lhe por aí que está a ferida aberta.

França:

É vomecê muito atrevido
Se cuida que há-de casar comigo.

Entrudo:

Olhe cá meu grande amigo:
Eu antes de me casar
Muito tive que suar.
E vomecê trabalhe quanto puder
Que há-de obter o que quer
Que eu para menos lhe custar
Vou por a mãe chamar
Que ela tudo isso pode arranjar.
— Moço, anda também comigo.

(Sai)

Moço:

Ande lá que eu já o sigo.

(Sai também)

Brasileiro:

O sol faz dia brilhante,
As estrelas noite formosa,
O amor é semelhante
Ao cheiro de uma rosa.

França:

Não quero, tenho dito.
Escusa de teimar;
Comigo não há-de casar
Que tenho outro mais bonito.

Velha:

Ó que noivo tão galante!
Benza-te Deus, ele como um diamante.
Ó minha rica filha
Ele sai-te uma maravilha
Ele é tão bem formado
E desta cuada bem assentado.

Brasileiro:

Eu sou assim todo inteiro e entonado.

França:

Não quero casar com este. Temos acabado.

Velha:

Cala-te minha tolinha
Não sabes nada da vida.
Tu inda queres melhor sorte?

França:

Eu quando casar é até à morte.

Brasileiro:

É nó que não desata.

Velha:

Esse nó não mata
Antes dá muita vida.
Porque olha rapariga,
Quando eu me casei com teu pai
Já assim me dizia minha mãe
E temos levado uma vida regalada
Um pouco aos beijos outro pouco à pancada.

França:

Enfim, terei de ser desgraçada.
Aqui tens a minha mão. Estou casada.

Brasileiro:

Eu te arrecebo como minha esposa amada;
Vamos já embora, vamos à galhofada.

Velha:

Ide, ide cuidar na vida
E temperar essa barriga.

(Entra o Entrudo e o Moço):

Entrudo:

Ó mulher, temperaste os carrinhos.

Velha:

Foram ambos como dois anjinhos.

Entrudo:

Isso mesmo era o que eu pretendia.

Velha:

Se eu cá não viesse,
Também não se fazia,
Agora vou descansar
Adeus até eu tornar.

Moço:

Vai-te embora benzedeira.

Entrudo:

Moço, vai já lá dentro,
E traz-me uma cadeira,
E uma mesa que não seja manca
Que um sr. Doutor quer aqui assentar banca.

Moço:

Já lá vou buscar isso tudo.

(à parte):

Diz que é doutor, é mas é um burro.

Entrudo:

Ora o ano está muito pirangueiro
E eu o que preciso é de dinheiro.
Um sr. Doutor falou-me para esta casa lhe arrendar
E eu posso lha dispensar
Por algum tempo,
Que venha advogar cá dentro.

Moço:

Arre, Senhor meu amo
Nunca torno a ir buscar peso tamanho
Quase que arrebatava pelo seio.

Entrudo:

Chega a mesa para o meio
E tira-a dessa beira
E chega-lhe também a cadeira.

(Entra o Doutor):

Doutor:

Eu sou um grande pateta
Tenho corrido Séca e Méca
Com os livros de Santarém
Não trago nem um vintém.

Entrudo:

Senhor Doutor muitos parabéns,
Está muito bem servido também.
Pois Senhor, como tem de me pagar
Cuide já em trabalhar
Que muito dinheiro pode ganhar.

Moço (à parte):

Como ele é dos da Séca e Méca
Bem temperada vai a rabeca.

Doutor:

Ora diga-me Senhor Patrão:
Estou servido com a casa ou não?

Entrudo:

A casa está armada
Aí tem uma banca assentada
Logo à beira
Uma boa cadeira
Eu não falto ao tratado.
Advogue o Senhor Doutor até o ano passado
Que eu a mais o meu moço vou fazer uma digressão
Adeus Senhor Doutor, até outra ocasião.

Doutor:

Adeus até quando tornar.

Moço:

Está muito bem servido.

Entrudo:

Moço, pressegue-me como amigo.

Moço:

Sim Senhor, eu já o sigo.
(*Saiem os dois*).

Doutor:

Eu sou filho de pais muito honrados
França está nos meus antepassados
Todos têm sido muito guerreiros
Matavam muitos bois e carneiros
Meus pais foram uns valentões
Mataram muitos cabritos, cabras, e também cabrões
Pois vacas e ovelhas remeladas
Isso morriam às manadas
E para mais se aumentar
Foi que me mandaram formar
Para dinheiro lhes gastar
Nunca cuidei de estudar
Nem isso me dava canseira
O que eu queria era muito dinheiro na algibeira
E sem ter trabalho.
Hoje estou aqui muito bem formado
e banca vou assentar
A ver se haverá quem comigo queira aconselhar.

(*Senta-se na cadeira e entra o Brasileiro*):

Brasileiro:

Com o Senhor Doutor um conselho quero tomar.
Estou agravado da minha mulher
Não a posso aturar,
Enfim, quero-me descasar.

Doutor:

Ó homem, o ser casado é melhor do que mel.

Brasileiro:

Para mim não há pior fel.

Doutor:

Se não fosse casado não passava as noites amorosas.

Brasileiro:

Para mim não as posso ter mais amargosas.

Doutor:

Pois o ser casado é melhor do que maná.

Brasileiro:

Pior coisa neste mundo não há.

Doutor:

Pois meu amigo
Em se querer descasar
É preciso ver o motivo que há-de dar
Ou que tem a requerer
Que o requerimento lhe vou fazer.

Brasileiro:

Senhor, a minha mulher é uma malvada
Muito gulosa e muito arrenegada
Também é muito mentirosa e imprudente
Onde quer me injuria diante de gente.
Anda cheia de folia
Não a posso aturar, nem de noite nem de dia.
É muito feia e mal feita
Parece um cambão duma seita.

Doutor:

Tem vomecê razão em se queixar
Mas porém com isso não se pode descasar.

Brasileiro:

Pois ainda é preciso mais?!

Doutor:

Veja se tem defeitos corporais,
Ou se lhe fede o bafo.

Brasileiro:

Isso fede como todos os diabos.
Por a boca a arrotar,
Por o lado a estalar,
Nem os diabos a podem aturar.

Doutor:

E vomecê prova tudo isso bem?

Brasileiro:

Ora, até o prova o Senhor Doutor também.

Doutor:

Ah seu maroto!
Pego nesta bengala, faço dela um vergalho
Dou-lhe com ela no corpo
Que o escangalho.
Mas, para não estar a perder tempo
Aqui lhe fica o seu nome neste requerimento
Leve-o ao juiz de casamento
Que há-de produzir bom efeito.

Brasileiro:

E o Senhor já sabia disso, para ter o requerimento feito?

Doutor:

Eu cá quando não tenho que fazer
Deito-me a escrever
Requerimentos, para tudo que possa acontecer.
Vá já com ele, o quanto mais cedo ...

Brasileiro:

Sim Senhor. Quanto é que lhe devo?

Doutor:

Isso, dará um tostão.

Brasileiro:

Aí tem seis vinténs pela sua prontidão.

Doutor:

Ó homem, se tudo que diz o provar
Aí leva despacho para se descasar.

Entra França a requerer.

França:

Muito boas as tenha o Excelentíssimo Senhor Doutor.

Doutor:

As mesmas lhe desejo meu amor,
Quer alguma coisa que lhe faça.

França:

Senhor, por minha desgraça
Casei com um mariola
Que já era casado lá fora.
Diz que era um brasileiro
Porém saiu-me um grande sendeiro
Não sei se sou casada nem se sou solteira
Nunca se chega para a minha beira
Anda sempre de beíça dependurada
Enfim quero ser descasada.

Doutor:

Então não gosta de tal vida?

França:

Eu que hei-de gostar, se ainda sou rapariga.

Doutor:

Então ele dorme apartado?

França:

Eu durmo na cama, ele na corte do gado.

Doutor:

Então apartada está vomecê,
Bem pouco tem que requerer.

França:

Mas então Senhor Doutor
De cada vez estou pior,
Eu se me quero apartar
É para com outro casar.

França:

Isso menina, é que não pode ser
Essa lei nunca chega a ver
Há-de viver assim até morrer.

França:

O Senhor Doutor de leis não sabe nada
Pelo que vejo é um grande marmelada.

Doutor:

Olá, Senhora! Não seja tão adiantada.
Pague-me e pode seguir sua jornada.

França:

Pagar-lhe um corno! ...

Doutor:

E que tal está o momo,
Pague-me e tenho dito.

França:

Gosto do Senhor Doutor que é bem bonito.

Doutor:

Pague-me, não esteja com rodeios
Aliás uso de outros meios.

França:

Pois já que não tem meio nem fim
Adeus Senhor Doutor,
Olhe bem para mim.
(*sai*)

Doutor:

Ora vai-te desavergonhada
Que ma ferraste bem ferrada
Se não venho a ter mais juízo
De certo estou perdido.

Velha:

Tenho-me moído e cansado
Porém o melro há-de ser agarrado.

Doutor:

Diga-me Senhora velhinha,
Que é que a amofina,
Que lhe dá tanto cuidado?

Velha:

Olhe Senhor, é o mal acabado
Que casou com minha filha e já era casado
Lá fora na Baía.
Anda a requerer para se descasar
Porém ele aqui há-de vir dar
Que em prisão o havemos de atrancar.

Doutor:

E aqui me tem pronto para a ajudar.

(Entra e Brasileiro com o requerimento despachado):

Brasileiro:

Aqui trago o requerimento despachado
Já estou livre do diabo.

Velha:

Ah seu grande mandrião,
Que lhe boto os dentes fora com este bordão!

Brasileiro:

Arrume-se lá, tenha mão!
Não faça tolarias.

Velha:

Hei-de-te espetar como quem espeta enguias.

Doutor:

Vomecê foi malcriado
Enganar a moça sendo já casado.

Brasileiro:

Eu não a enganei.
Ela ainda está conforme a achei.

Velha:

Desavergonhado! Ainda falas dessa sorte!
Para o moço:
Anda depressa, corre Quixote.

(Entra o Entrudo e o Moço):

Entrudo:

À seu amigo, seu tratantão!
Agarra-o moço, leva-o à prisão.

Moço:

Senhor meu amo, segure de lá
Que eu seguro de cá.

Brasileiro:

Aqui El-Rei! Maldito diabo!

Doutor:

Tenha paciência que está agarrado.

Velha:

Agora sim, caíste na ratoeira.

Entrudo:

Moço, vai-te já de carreira
Levá-lo à prisão.

Moço:

Eu não vou só que ele é muito valentão.
Pode-me arrebitar ...

Velha:

Se levantar
Há-de lhe ser quebrado. Não tenhas medo que não há perigo.
Vamos lá que eu vou contigo.

(E vão-se)

Entrudo:

Moço! Vai e trás recibo.

Doutor:

É bem sabido
Que obra feita
Dinheiro à espreita.
Eu trato em me mudar
Porém não arranjei dinheiro para lhe pagar.

Entrudo:

Ó meu amigo! Muito obrigado.
Dou-lhe tudo por perdoado.
Estou pago e satisfeito
Por me agarrar aquele sujeito.

Doutor:

Era isso o que eu pretendia.
Adeus Senhor patrão, até outro dia.

Entrudo:

Ah! Senhores! Um homem casado
Anda sempre atormentado
Quando pensa estar sua casa armada
Aí lhe vem uma gaitada
Que leva couro e cabelo
E o remédio é sofrê-lo.

(Entra o Moço com o recibo):

Entrudo:

Dize-me, custou muito a levar pelo caminho?

Moço:

Não Senhor. Foi muito mansinho.

Entrudo:

Pois moço, eu por um fidalgo estou a esperar
Que ele não há-de tardar
E é preciso muita política e atenção
Porque ele é muito cortesão

Moço:

Senhor meu amo diga-me o que hei-de fazer
E a política que hei-de ter.

Entrudo:

Assim que ele chegar
Põe-te muito direito, sem pestanejar.

Moço:

Então fico como um burro estacado?!

Entrudo:

Toma melhor o recado
Não me deixes ficar injuriado.

Moço:

Já sei que me dizia,
Que lhe fizesse uma cortesia
Destas mesmo de rapapé.

Entrudo:

Isso mesmo é que é.

(Bate Fileno na porta):

Entrudo:

Vai ver quem está à porta a tropar.
Se for o tal fidalgo diz-lhe que pode entrar.

Moço:

Senhor meu amo, é sim Senhor;
Diz que entre, Senhor!
Entre, Senhor!

(Quando diz que entre, corre para o amo e diz que é ele e volta a dizer que entre, e faz cortesias com as mãos).

(Fidalgo com máscara feia e roupa fraca):

Fidalgo:

Com licença meus Senhores, vou entrando
E cá para o meu velho amigo me vou chegando.

Entrudo:

Ó meu fidalgo honrado,
Benvindo, que já era esperado.

Fidalgo:

Vomecê está muito fresco e belo.

Entrudo:

É isso mesmo o que eu quero
E toda a cousa que for boa.
Diga-me, o que vai de novo lá por Lisboa.

Moço (à parte):

Sabe tanto de Lisboa, como um burro sabe ler...

Fidalgo:

Para lhe bem dizer
E não faltar à verdade
É uma cidade muito rica e bem armada.

Entrudo:

Dizem que anda lá muita carruagem.

Fidalgo:

E há muito carrinho, coche, cabriolé,
Anda muita gente a cavalo e muita gente anda a pé.

Entrudo:

Quantos carros vende vomecê de pão?

Fidalgo:

Cem de trigo e duzentos de milhão
Fora o que se vende à formiga.

Moço (à parte):

Vejo-te pouca barriga...

Entrudo:

Pois só de trigo vendo eu duzentos por medida.

Moço:

De mentiras já eu estou farto
Porque — disse-me Senhor Fidalgo — um molho com meio quarto,
Já que sabeis contar muito bem,
Diga-me, Senhor fidalgo, quantos alqueires de pão vomecê tem?

Fidalgo:

Nós em teres vamos regulando.

Moço:

Em mentiras também podeis ir passando...

Entrudo:

Veio-me agora ao pensamento
Que podemos arranjar um casamento
Se vomecê estiver resolvido
E olhe que vai bem servido.

Moço:

Vai mas é bem tolhido.

Fidalgo:

Eu como vou já estando adiantado
Bem preciso de tomar novo estado,
Quanto antes e depressa,
O medo que tenho, é que me nasçam na testa ...

Entrudo:

Óh! Tira daí o pensamento.
Moço, vai depressa lá dentro
Diz à minha filha Pireza
Que se ponha fresca e tesa
Para me vir falar
Assim que eu por ela chamar
Que este senhor fidalgo com ela se quer casar.

Moço:

Já lá vou em carreira
Se me não der pelo caminho para fazer alguma asneira.

Fidalgo:

Tudo vai muito bem figurado
Porém nós nada temos ajustado
Com respeito ao dote que me há-de dar.

Entrudo:

Ora, o Senhor está a mangar!
Tudo isto que vê cá para trás é meu
E assim, para a frente, fica sendo seu.

Fidalgo:

E paga grande pensão?

Entrudo:

Não pago nada nesta ocasião.

Fidalgo:

Faz tudo de casa, ou as traz arrendadas?

Entrudo:

Não as faço de casa nem isso me dá cuidado.

Fidalgo:

Então recebe tudo em pensão sabida.

Entrudo:

Tanto arrecebo na entrada como na saída.

Fidalgo:

Pois eu não fazia tenção de me casar
Mas como tem muito para me dar
Queira vomecê mandá-la chamar
Para eu com ela conversar.

Entrudo:

Eu chamo daqui bem alto: *(clama)*
— Anda Pireza, anda cá já num salto.

Pireza:

Que me quer meu pai, que tanto me está a amofinar?!

Entrudo:

É este Senhor Fidalgo que contigo se quer casar.
Já está bastante adiantado
Mas ainda é bem direito, bem encostelado
E bonito, isso é acabado.

Pireza:

Meu pai, não está má graça
Com essa cara de cabaça.
Para me dar a morte
Era juntar-me com uma figura dessa sorte.

Fidalgo:

Menina, não se agonie nem se assuste
Que querer-me bem pouco lhe custe.

Pireza:

Ora vomecê tem muito pouca vergonha!
Vá tocar numa cortiça ou numa sanfona.

Entrudo:

Hás-de casar com este amigo. Tenho dito.

Pireza:

Está bem bonito!
Isso não chega vomecê a ver
Ainda que me mande prender.

Fidalgo:

Tenho sido guerreiro no campo do amor
Por mais que te ame, isto de amar, sim Senhor,
E para isso não lhe peço que case porque seu pai ainda é Senhor.

Pireza:

Ele a dar-lhe e a burra e fugir!
Ah! Senhores! O caso é de rir!

Entrudo:

Tape essa boca. Olhe que a esmagarei.

Pireza:

Não me calo nem me calarei.

Fidalgo:

Esses olhos, menina,
Que através me está deitando
Pois bem me está mostrando
Que bem cedo há-de ser minha.

Pireza:

Não tem tal de chuchar
Escusa de teimar
E se me viu por diante bem
Veja-me agora por detrás também. *(E vai-se)*

Entrudo:

Ora vai-te desavergonhada
Que te dei-de tourear bem toureada.

Fidalgo:

E que tal foi esta figa?

Entrudo:

Não lhe dê fadiga
Nem tenha com isso paixão
Que hei-de metê-la numa prisão
Para toda a vida.
E Senhor fidalgo queira perdoar
Que o moço não há-de tardar
E ouvirá dizer
O que lhe mando fazer.

Fidalgo:

Eu nunca quis ser casado,
Porém agora fiquei injuriado
E se não fosse ser família de quem é
Havia de levar muito pontapé,
Muito orelhão,
E pôr-lhe aquele cu num pião.
Porém, se me casar hei-de esquecer
Porque tenho bastante que fazer
Na minha vida vou cuidar
Adeus meu amigo se eu aqui tornar.

Entrudo:

Viva, meu amigo fidalgo,
Tenha muita saúde e até outra ocasião.
Ora, Senhores, não posso viver sossegado
Ando sempre atormentado
E nem me apetece comer
Com tanto que tenho a fazer
Porém a rapariga, essa há-de me entender.

Entra o Moço e diz:

Moço:

Vomecê talvez já esteja arrenegado
Mas eu não pude vir mais cedo nem um bocado.

Entrudo:

Já me ias dando algum cuidado
 Porque vivo muito descoroçoado
 E cheio de hipocondria
 Porém agora o que queria
 Era um homem valente e de segredo.

Moço:

Senhor meu amo, eu sei dum galego
 Que isso é um chibantão
 É muito calado e muito valentão
 De fiel é o primeiro
 Furta tudo até dinheiro.

Entrudo:

Então é ele ladrão.

Moço:

Não Senhor, não.
 Aproveita muito o alheio.

Entrudo:

Eu estou certo e assim o creio
 Porém o remédio é acautelar
 Pois moço, vai por ele chamar
 E diz à minha mulher que me venha falar.

Moço:

Já lá vou desta sorte, a correr.

Entrudo:

O que eu quero ver
 É se em breve tempo
 Arranjo um recolhimento
 Para minha filha encaixar
 Que eu assim não a posso aturar.

(Entra a velha para o terreiro):

Velha:

Ó homem eu tive um recado
 Que me mandaste pelo criado
 E disse-me que era muito preciso vir falar contigo.
 Que novidade é esta?

Entrudo:

É que temos muita festa
Por via da nossa rapariga
Que me ferrou aqui uma espiga
Deste tamanho e assim comprida.

Velha:

Ó homem, ela ia muita arrenegada
E diz que não casava com semelhante marmelada.

Entrudo:

Pois tenha ou não razão
Com outro não casa, não.

Velha:

Ora pois, coitado!
Estás muito agoniado!
Olhai, em vós indo mijar
Isso há-de vos passar.

Entrudo:

Eu o que vou arranjar
É metê-la num convento
E talvez seja para o de S. Bento
A ver se ela toma juízo e assento
Por isso te mandei chamar
Para isto te contar
E um galego mandei chamar
Para ele aqui ficar
E conta dela tomar
Enquanto eu ao convento vou falar.

Velha:

Assim não fazes direito dela
Talvez que caias na maior esparrela.

Entrudo:

Tenho dito. Está acabado.
Vai lá dentro daqui a um bocado
E manda-ma cá vir.

Velha:

Já lá vou e muito me hei-de rir
Até do caso que vou seguir.

Entrudo:

A mulher aí vai a momar
Porém eu não estou para a aturar.

(Entra Lurio de Galego, e diz):

Galego:

Vaia! Aqui me tem Sinoro Patrão.

Entrudo:

Olá! Tu serás galego ou não?

Galego:

Saiba o usted que sin Sinoro, que sin
Ainda à pouquito da Galicia vin.

Entrudo:

Onde ficou o que te foi chamar?

Galego:

Vaia Sinoro, aí fora da porta a esperar
Quando precisar
Que tinham de o chamar.

Entrudo:

Ora diz-me como é que te chamo.

Galego:

Vaia Sinoro, Julião Fachado.

Entrudo:

E sabes para que te chamo?

Galego:

Vaia Sinoro que não.
Ouvirei o que me diz o Sinoro Patrão

Entrudo:

Pois olha cá meu galego.
É preciso que não tenhas medo
De nenhum estudante
Ou algum tratante
Que me venha ofender ou roubar.

Galego:

Vai Sinoro, se aqui vier algum, tudo hei-de acabar.

Entrudo:

Escuta. Tem mão, mais devagar
Tu uma filha me hás-de guardar
E ficarás encarregado dela.

Galego:

Vaia Vaia, carregado com ela isso não
Que me deita as tripas fora e mais o coração.

Entrudo:

Estou vendo que me és galego inteiro.
É encarregado dela, sendeiro!

Galego:

Vaia Sinoro, isso sim,
Pode usted fiá-la de mim.

Entra Pireza para o terreiro.

Pireza:

Não acho Sol que me aquece
Nem luz que me alumie
Passo a noite e passo o dia
Numa tristeza frequente
Que nem a própria serpente
Quando está enraivada
Faz tamanha assobiada
Como esta que estou ouvindo
Tudo me vai perseguindo
Estou perdida estou acabada.

Entrudo:

Obedeça. Esteja calada.
Sem mais me responder.
Também há-de obedecer
A este galego honrado
Que de ti fica encarregado.

Pireza:

Pior vergonha não pode haver
Obrigá-me a um galego e ter
De lhe obedecer.

Galego:

Vaia Senhorita, calar o bico.

Entrudo:

Olha o que te eu tenho dito
O que eu quero é que me trabalhes com muita canseira e cuidado.
E não estejas assentado.

Galego:

Vaia Sinoro, vaia descansado
Que tudo fica a meu cuidado.

Entrudo:

Eu vou e não tardo aqui muito tempo
E olha que te hei-de pagar segundo o teu merecimento. (*Vai-se*)

Pireza:

Eu é que te pagava bem a soldada
Se me tu fizesses a vontade.

Galego:

Vaia Senhorita, não la faço nesta ocasião
Para que me não ferre a mangação.
Assente-se a usted aí no chão
Que quero segurá-la pela mão.

Pireza:

Ora isto pode-se aturar.

Galego:

Vire a Senhorita para lá que assim a hei-de segurar.

(Assentam-se, ou ficam de pé, ficando com as costas um para o outro e Pireza dá as mãos ao galego).

Pireza:

Eu hei-de estar assim muito tempo?

Galego:

É só até meu patrão entrar para dentro.

(Entra um estudante com uma viola e o moço com uma albarda. Faz com que o Galego toque).

Estudante:

Ó meu caro Julião
Amigo velho de coração
Dizem-me que sabes tocar viola.

Galego:

Vaia, eu não conheço tal amigo
Sabeis que já lá vai o tempo do figo.

Estudante:

Amigo não te faças engraçado
Toca aqui um bocado
A solfa à moda do rabo
E aqui te ficam seis vinténs para tabaco

(Dá-lhe o dinheiro e a viola, e o galego começa a tocar e a dançar):

Galego:

Vaia Senhora, chegue-se bem para mim
Que eu toco um bocado aqui assim.

(O moço põe a albarda no galego e foge com a moça. O galego, tocando um pequeno bocado, diz para o estudante):

Galego:

Vaia Sinor que já estou enfadado.
Pegue usted que quero dar conta do meu recado.

(Atira a viola fora).

Estudante:

Tocaste bem galego, foste honrado.

Galego:

Adeus meu senhorito
Ficaram os seis vinténs para tabaquito.
Vaia Senhora, deita cá a mão
Que me não foge. Não, não. *(Faz que lhe procura as mãos).*

Entra Entrudo para o terreiro.

Entrudo:

À seu galego do diabo que aqui o mato e aqui o enterro.
Que conta me dás da minha filha galego
ladrao e peralvilha?

Galego:

Vaia Sinoro, que aqui a trago às costas agarrada.

Entrudo:

Tens às costas mas é uma albarda!

Galego:

Vaia Sinoro, é porque está encantada.

Entrudo:

Está aquela que te há-de caír
Que aqui te mato e daqui não hás-de saír.

*(Bate o Entrudo na albarda e o Galego foge pela porta do
terreiro para dentro)*

Entrudo:

Ora vai-te com o diabo
Que sempre és galego está acabado
Porém não importa, que fico descansado
Das filhas já eu estou arrumado
E delas não quero saber mais nada.
O pior é o moço a mais a criada
Que ambos querem a soldada
E como não tenho dinheiro
É-me preciso primeiro

Ir ao Brasil
Para trazer a herança de cinquenta mil
Dum meu primo que para lá passou
E por herdeiro me deixou.

Entra a criada Seromenha.

Seromenha:

Senhor meu amo
Tenho o ano acabado
Tenciono ir para outro amo
Com ele tenho ajustado
Debaixo de condição
De saber se vomecê me quer ou não
Mas para isto não dar que falar
Será melhor cuidar em me pagar
Porque tenho bastante precisão.

Entrudo:

Tens muita razão
Mas é que eu agora não tenho dinheiro
É-me preciso i-lo buscar ao Rio de Janeiro.

Seromenha:

Pois eu tanto tempo não posso esperar
E para isto não dar
Que dizer
Será melhor cuidar
Em mo trazer.

Entrudo:

Mas eu torno-te a ajustar
Por mais ou menos vintém
E ambos os dois ficamos bem.

Seromenha:

Pois eu torno a ficar
Porém há-de me dar
A mais um lençol bonito
E para debaixo da cama, um belo penico.

Entrudo:

Moça, está justo e temos tratado.

Entra o moço Quixote.

Moço:

Senhor meu amo, tenho o ano acabado.

Entrudo:

Eu contigo já tenho falado.
O que eu quero é que me trabalhes com canseira e cuidado
E que por a ama me vás chamar
Para com ela conversar.

Moço:

Já lá vou, sim Senhor.

(à parte):

De cada vez estamos pior.

Seromenha:

Olhe, se por lá vai acabar?
E quem me há-de pagar
Se por lá ficar
E cá não voltar?

Entrudo:

Já estás a desconfiar
Que te não chegue a pagar?

Entra o moço a mais a velha.

Moço:

Aqui estou mais a Senhora Patroa.

Velha:

Ou! Ou! A coisa está boa!

Entrudo:

Mulher, eu o que te quero dizer,
É que uma viagem vou fazer
Daqui até ao Brasil
Pra trazer os cinquenta mil
E tu faz por ser honrada
Se de mim quiseres ser estimada
E aí te fica o moço a mais a criada

Trabalhai, cuidai da vida
Não me ferreis por aí alguma espiga.
Vai-me esperar à estação de S. Bento.
E adeus até quando eu tornar.

Velha:

Adeus meu rico marido
Talvez até ao dia de juízo
Pode ser que te não torne a ver
Porém, será o que Deus quiser.

Moço:

Deixemo-nos de choradeiras
Que não me dão trabalhos nem canseiras.

Seromenha:

Tu falas assim arreganhado
Porque não sabes o que é ser casado.

Velha:

Dizes bem rapariga
Enquanto são solteiros nada lhe dá fadiga
Mas uma viúva desamparada
Sempre fica muito desagasalhada
É como uma casa sem telhado
Que já lhe falta o seu cobertalho.

Moço:

Deixemo-nos de palavreado
Que não dão sopas nem me dão cuidado
Estou farto de trabalhar
Quero ir descansar
Para meu amo logo ir esperar.

Seromenha:

Olá, que é que tu tens trabalhado?

Moço:

Mais que tu, que só cuidas em coçar o rabo.

Velha:

Ou! Ou! Tu também estás muito inchado!

Moço:

Eu a vomecê também a não gabo
 Porque tem vivido de mentiras
 E de alcoviteira das filhas
 Porém disso não quero saber
 Nem por vomecê responder.
 Vou cuidar da minha obrigação.

Velha:

Vai-te embora garoto e mandrião
 Que sempre tiveste fraca criação.

Seromenha:

Aquele moço parece dos do enchurro
 Faz acções que parece um burro.

Velha:

Olha, ele parece o faz-tudo
 Porém, cala-te deixa-o andar
 Que ele algum dia as há-de pagar.

Entra o Preto com uma carta na mão.

Preto:

Aqui vos trago esta carta
 Para vos a ler mulher nara.

Seromenha:

Que milagre tamanho
 Será notícia do meu amo?

Velha:

Ora o meu pecado,
 Que não sei ler nem um bocado.

Preto:

Minha Senhora eu saberei ler muito bem
 Se vós quisera eu a lerei como ninguém.

Seromenha:

O pretinho é esperto!

Preto:

E vós ser meu amor de certo
Se não houver impedimento
Arranjar-se-á este casamento.

Velha:

Então lê tu pretinho.

Preto:

Rio de Janeiro
Deste mês em que estamos primeiro
Aqui entrou arrepiado
E logo foi enterrado
Pandulho delo Berga
Com sua roupa e enxerga.
Foi sem fazer tenção
Por isso morreu sem confissão
E como não houve tempo
Também não fez testamento.
Por esta lhe dou todos os acontecimentos
E lhe rogo muito pela pele
Como quem sou: este Rodrigo Abel.

Seromenha:

Ai! Nunca ele fosse fazer tal jornada
Que lá se foi embora a minha soldada.

Velha:

Meu Pandulho, meu Pandulho!
Que fazias tanto barulho
Mas sempre eras a minha cobertura
Viverei nesta amargura
Ó meu amigo, não tardarei muito na sejultura.

Preto:

Você não esteja a chorar
Que você torna a casar.

Velha:

Pobre marido,
Que lá foi o meu agasalho,
O meu abrigo.

Preto:

Você é bruxa, ou feiticeira?
Você ter cara de benzedeira.

Velha:

Ai pretinho, pretinho
Se fosses branquinho
Assim como sois pretinho
Decerto eras o meu amorzinho.

Preto:

Você cuida em eu ter a via-zargado
e o nariz escarrapachado
Que não quero mulher senhora?

Velha:

Eu a mais tu,
Não achas coisa mais boa,
Hei-de te fazer muitos carinhos
E dar-te muitos mimosinhos.

Preto:

Vós estareis a mangar...
Que tem você para me dar?

Velha:

Eu dou-vos um bom mealheiro
E pitinhos do poleiro.

Preto:

Vozê por mais dois dias que haveis de durar
Sempre com «vozê» me vou casar.
Vinde vèlhinha dançar ...

Enredo dos ladrões

DISTRIBUIÇÃO

Juiz Entrudo Pandulho
Oficial diligências Quixote
Lavrador Lurio
Ladrão Fileno

Verifica-se esta distribuição quando o enredo é apresentado conjuntamente com a peça «ENTRUDO PANDULHO».

Entra Entrudo de Juiz.

Juiz:

Eu sou doutor formado
 E para juiz de direito fui despachado
 Para este concelho.
 Trago grande empenho
 De castigar os malvados
 E de fazer bem aos pobres coitados.
 Desde já nomeio meu oficial de diligência,
 Quem nas unhas dele caír que tenha paciência,
 Porque ele é pronto em agarrar
 E julgo que não deve tardar.

(Entra o Moço de Oficial):

Oficial:

Aqui estou às suas ordens Senhor Juiz
 Agora veja o que me diz.

Juiz:

Ainda não; que trabalhar espero, um pouco mais devagar.

(Entra Lurio de Lavrador):

Lavrador:

Senhor Juiz, queira-me perdoar
 Por tomar a confiança de lhe vir falar
 Mas aqui há um ladrão que se não pode aturar.
 Só vive de roubos e e de matar
 Ainda esta noute matou um a espernear.

Juiz:

Ora há testemunhas que o prove?

Lavrador:

Há mais de trinta e nove.

Juiz:

Pois meu amigo,
Aí está o oficial pra ir consigo
E seu regedor deve procurar
Para ele o homem apanhar
E tragam-no aqui preso.

Lavrador:

Sim Senhor. O homem é defeso.

Oficial:

Vamos lá não tenha medo.

Juiz:

Isto cá de ser Juiz
Onde quer quebra o nariz
Porém a justiça já não é nova
Quando não faz conta, é absolvido por falta de prova...

(Entra o Oficial e o Lavrador com Fileno de Ladrão preso):

Ladrão:

Aqui venho preso e amarrado
Isto sempre foi bem o diabo
Que me apareceu.
Porém, o que me há-de sentenciar
Ainda não nasceu.

Lavrador:

Senhor Juiz! Aqui está o grande ladrão!

Oficial:

E pelas informações, matador de profissão.

Ladrão:

Eu tenho coisas a contar-lhe,
Porém em segredo quero falar-lhe.

Juiz:

Retirem os dous para trás.

Juiz:

Diga-me lá então.

Ladrão:

Eu Senhor, sou um grande ladrão
Por ofício e profissão,
Saltador das estradas
Arrombador das casas
Nada me mete inveja
Porque não perdouo nem à minha igreja.
Tenho ferrado muitos calotes
E não menos de seis mortes.

Juiz:

Ó homem, monstro do diabo!
Você decerto tem rabo
Pois ainda um raio o não partiu!
Para o devorar a terra não se abriu!
Vomecê está excomungado
E há-de morrer enforcado
Sem lhe faltar nem um diabo.

Ladrão:

Escute Senhor Juiz,
Ouça bem o infeliz:
Esta saquinha de peças que aqui trago
Livra o homem do pecado.
Aqui tem a quantia que trago.

Juiz:

Ora é vomecê um homem honrado!
Pensei que fosse um malvado,
E vejam, quanto as aparências enganam!
Diga-me: haverá quem jure no sumário?

Ladrão:

Umas quinze testemunhas me viram matar o vigário.

Juiz:

Não se assuste, nesse caso a saída não é nova
E há-de ser absolvido por falta de prova.
Assim faço justiça e não falto ao razão
Porque estou convencido que vomecê é ladrão.

Ladrão:

Senhor Juiz, eu não estou assustado
Porque estou certo de que hei-de ser aliviado.

Juiz:

Oficial! Chega-te para aqui a mais o lavrador.

Oficial:

Aqui estamos sim Senhor.

Juiz:

Este homem não é culpado.
Examinei-o bem examinado
Deu-me bem o recado
A todas as perguntas que lhe fiz.

Lavrador:

Repare Senhor Juiz
Que a lei não exime
De ouvir as testemunhas
Que lhe aprovo o crime.
Deve examinar tudo à risca
Porque só quarenta testemunhas temos nós de vista.

Juiz:

Todas essas não valem nada
Porque agora quarenta testemunhas não fazem culpa provada.

Oficial:

Deve tomar as testemunhas no sumário
A lei assim o manda, não faça o contrário.

Juiz:

Não me importa o que a lei diz
Porque em todo o caso a prova é do Juiz.

Lavrador:

Senhor Juiz! Escute as testemunhas com atenção
E assim cumpre com a sua obrigação
E não faça tal traição.

Juiz:

Sim sim, a ouvir já eu estou, a vossa reclamação
Mas de tudo que este homem fez eu lhe dou perdão
E diga o mundo o que disser
E ralhe de mim o que quiser.

Oficial:

Assim é que nós andamos bem governados!...
Valha-o todos os diabos.
Um juiz assim ladrão
Não é mais que um capitão.

Juiz:

Ó traidor! Olhe o que diz!
Assim se fala a um juiz?

Lavrador:

Qual juiz, qual diabo!
O tempo de ladrões está acabado.

Oficial:

Está com cara de danado,
Protector de ladrões?
Ainda há-de ver ao cachaço
O algoz com seus calções.

Juiz:

Tapem a boca seus malcriados.
Respeitem as autoridades.
Não sejam desavergonhados.

Lavrador:

Ainda tem boca com que possa falar?
Vá respeitando o laço que ao pescoço se lhe há-de deitar.

Ladrão:

Se eu desta puder escapar
Contai comigo que haveis de pinchar
Que eu, o meu Juiz, hei-de despicar.

Oficial:

Ó patrício! Já não se pode sofrer tanta ladroeira.
Acabe-se com os protectores, tire-se-lhes a cadeira.

Lavrador:

Defuntos já não me têm medo
Cheguem-se um para o outro e vão ambos para o segredo.

Oficial:

Vamos lá sem mais piar,
Depois encaixados é que podem chiar.

F I M

Sumário

O Românico Português , José Mattoso	5
Anais de Braga , introdução e notas, Eduardo Pires de Oliveira	25
Alguns bailes de entrudo , Feliciano Lopes Gomes	69
A arte de talhar a pedra , Manuel Pires Afonso	141
Quatro Fíbulas da Citânia de Sta. Luzia , Salete da Ponte	149
Notas de leitura , Henrique Barreto Nunes	153
Novos colaboradores	181

Vária

1. Trabalhos, notas e comentários	182
2. Documentos internos da ASPA	199
3. Textos da ASPA para a imprensa	
4. II Encontro Nacional da Associações de Defesa do Património Cultural Natural	
5. Necrologia	
6. Noticiário da ASPA	

Separata editada
pela ASPA — Associação para a Defesa,
Estudo e Divulgação do Património Cultural (Braga)

Composição e impressão:
Ofic. Gráficas do «Parque de Exposições de Braga»
Praceta P.ª Sena de Freitas, 64 — 4700 BRAGA

biblioteca
municipal
barcelos



9484

Alguns bailes de entrudo 1